

## APRESENTAÇÃO

Passado um primeiro momento de muitas angústias com a educação pelas vias digitais, parece que estamos nos acostumando com esse novo contexto socioeducativo. As aulas on-line e a preparação de materiais pedagógicos para difusão pela rede já fazem parte de nossas novas rotinas enquanto professores e alunos. Mas, para além das aulas, como a nossa disposição para a produção acadêmica está sendo afetada? São evidentes as limitações para pesquisas de campo e mesmo a realização de entrevistas ou quaisquer formas de interação presencial no contexto em que estamos. Assim, como pensar e produzir a partir de, com e sobre vidas que estão em suspenso?

Embora não tenhamos respostas para essas questões, nós do Laboratório acreditamos que a melhor forma de resistir ao genocídio e ao massacre da ciência pelo qual estamos passando – no qual todas as formas de violência tendem a ser naturalizadas – é seguir trabalhando com dedicação, construindo pontes com nossos pares por afinidades, incentivando a produção científica, superado as dificuldades e o desânimo e evitando se deixar abater pela falta de perspectivas. Nesse sentido, com dificuldades, porém com firmeza, está no ar o quinto número da RCD!

Para abrir este quinto número, no seu artigo “Educação bancária é emissão de conteúdos: transmissão exige comunicação dialógica”, a professora Inês Barbosa de Oliveira evidencia as deficiências e a precariedade do modelo de educação bancária e, em contraponto, destaca as contribuições da educação dialógica não apenas para a comunicação efetiva dentro da sala de aula, mas também, e sobretudo, para a construção de uma sociedade democrática e participativa por meio da linguagem. Para ilustrar os problemas de comunicação presentes no cotidiano das escolas que ainda implementam o modelo de educação bancária, o texto apresenta exemplos emblemáticos – e até mesmo divertidos – que permitem compreender alguns ruídos comunicativos que ocorrem entre professores e alunos. Partindo da perspectiva dialógica proposta pelo educador Paulo Freire, recorrendo às teorias da comunicação de Habermas, Lasswell, Shannon e Weaver e enriquecendo o debate com as contribuições de Maturana e Boaventura, a autora, com sua experiência de quase vinte anos de pesquisas em escolas, relaciona teoria e prática para ressaltar a importância da comunicação dialógica na educação e a contribuição desta para o pensamento crítico e a transformação social.

Tivemos também a alegria de receber um artigo de um dos nossos principais colaboradores, o Professor Leonardo Custódio, pesquisador em pós-doutorado na Åbo Akademi University, na Finlândia. A partir de sua vasta experiência com a comunicação popular e sua identidade de homem negro com origens em um bairro periférico do Rio de Janeiro, o autor mostra como as ações desenvolvidas por grupos de comunicação comunitária no Rio de Janeiro – no sentido de informar a população sobre a COVID-19 e reduzir os seus impactos – beneficiam suas comunidades, imprimem novas formas de ver e transformar situações sociais difíceis e, portanto, podem ser qualificadas como “decoloniais”. Antes disso, o autor discute o referido conceito, diferenciando-o de outros similares e evidenciando a sua importância para refletir sobre a história de opressão que os modelos de colonização nos impuseram e ainda impõem. Para evidenciar suas proposições, Leonardo Custódio destaca as ações desenvolvidas nos conjuntos de favelas do Alemão e da Maré. Sem dúvida, uma efetiva contribuição do autor para o debate sobre como superar os legados dos processos de colonização a que fomos submetidos.

Em “O corpo a corpo feminista nas ruas e nas telas latino-americanas”, Geisa Rodrigues propõe uma análise estético-política de alguns vídeos de manifestações feministas contemporâneas que ocorreram no Chile, Brasil e Argentina, a fim de pontuar e articular os elementos emancipatórios que os compõem, destacando a importância das artes, principalmente a performance, como potências políticas do corpo; e do midiativismo presente na produção e disseminação desses conteúdos não só em mídias alternativas, mas encontrando também brechas em veículos tradicionais de comunicação. Rodrigues defende o feminismo das ruas como um feminismo nômade, conceituado pela teórica feminista Rosi Braidotti como um tipo de consciência crítica que se opõe a normatização, que resiste aos microfascismos e à lógica hegemônica, reunindo corpos diversos entre si que se deslocam, em diferentes contextos sociais e territoriais, sem uma liderança específica, formando lócus de resistência capazes de criar fissuras no sistema capitalista. Para a autora, a própria estética dos vídeos dessas manifestações demonstra um rompimento com as representações tradicionais, a fim de privilegiar o registro das sensações, dos afetos e da comunhão de mulheres, de povos, raças e classes distintas, sem, contudo, apagar essas diferenças, mas tornando-as pontes que potencializam a ação política.

Felix e Tovar nos levam até a Bacia do Tapajós para conhecer um pouco da experiência da Rede Mocaronga de Comunicação. Embora o artigo nos

aproxime da experiência em si, sua principal contribuição é a proposta de uma análise geracional que identifica três ondas para a Comunicação Comunitária. A partir desta proposta, as autoras comentam o desenvolvimento da Rede Mocoronga, articulando teorias e análises empíricas com maestria. Além da própria rede Mocoronga, o texto apresenta e comenta algumas das diversas experiências que marcam cada onda analisada. Do ponto de vista teórico, trata-se de uma contribuição extremamente valiosa na medida em que desloca a classificação das práticas de comunicação comunitária da perspectiva conceitual para a geracional – ou, nos termos do sociólogo Norbert Elias, para a reflexão de figurações –, que permite uma compreensão mais adequada, contextualizada e em movimento das práticas efetivamente desenvolvidas em cada época, em detrimento das análises essencialistas e/ou prescritivas tão comuns no nosso campo.

Eleonora de Magalhães Carvalho nos brinda com um artigo sobre o problema nevrálgico das mídias alternativas, qual seja, sua sustentabilidade. Afinal, como um pequeno veículo de mídia que nada contra a maré sobrevive financeiramente? A autora responde essa pergunta identificando categorias de financiamento, tanto internas quanto externas aos veículos. De modo mais amplo, o artigo “Financiamento da Mídia Alternativa no Brasil” discute o papel da blogosfera política brasileira, apresenta uma série de exemplos de jornalismo dialógico e seus avanços no Brasil, afirmando os aspectos financeiros como decisivos para tal.

A partir da experiência de “alfabetizar letrando”, Beatriz de Vasconcelos nos relata sua prática de pesquisa-ação envolvendo crianças e grupos familiares de assentamentos rurais de Alto Paraíso (Goiás). Partindo de estratégias não hierárquicas de ensino e práticas dialógicas de comunicação, a autora traça um panorama de uma situação de formação literária que evolui de seu planejamento teórico inicial para uma reconfiguração político-pedagógica de uma escola *no campo* para uma escola do campo. Em um texto que – para além de tecer respostas às questões colocadas – se propõe a uma autorreflexão sobre a própria prática, a autora coloca questões elucidativas sobre o fazer-relacional da interface sociedade-escola: “Como lidar com as dificuldades de aprendizagem na escola e com as demandas e cobranças das famílias pela alfabetização?”; “Como sensibilizar a comunidade escolar para a importância da literatura e da escrita literária enquanto expressão artística e pessoal?”; “Faz-se necessário institucionalizar o ato da escrita e da leitura?”; “Como se constitui o ato criativo da/na escrita?”; “Nas condições limitadas do uso do tempo, como as crianças leem?”. Beatriz também analisa as

ações desenvolvidas sob a perspectiva dialógica das teorias de pensadores como Freire e Vigotski e aponta o papel estruturante das dinâmicas de autoenunciação dos sujeitos a partir da reflexão sobre suas histórias e narrativas pessoais.

Que a imunização contra todos os vírus que nos assolam avance neste segundo semestre de 2021. Enquanto isso, sigamos construindo com paciência, serenidade e esperança dias melhores em uma sociedade mais justa e fraterna. Está no ar mais um número da RCD!

*Caetano Correa, Fernanda Eda Paz, Izabel de Rohan, Marcelo Hernandez, Milene Couto*  
Membros do Laboratório de Comunicação Dialógica (LCD/UERJ)